

misero condenado: — “Como, Pois será possível que eu morra assim inocente? Onde está a justiça? Que fiz eu para merecer tão horrendo suplicio?”

Mas um companheiro corre ao seu encontro e murmura-lhe aos ouvidos: — “Jesus tambem era inocente!...”

Passa, então, pelos olhos da vítima, um clarão de misteriosa beleza. Secam-se as lagrimas e a serenidade lhe volta ao semblante macerado, e quando o carrasco lhe pede perdão, antes de apertar o parafuso sinistro, ei-lo que responde resignado: — “Meu filho, não só te perdôo como ainda te peço, cumpras o teu dever”.

XIII

O IMPERIO ROMANO E SEUS DESVIOS

Os desvios romanos.

Reportando-nos ainda ás conquistas romanas, antes da chegada do Senhor para as primeiras florações do Cristianismo, devemos lembrar o esforço despendido pelas entidades espirituais, junto das autoridades organizadoras e conservadoras da Republica, no sentido de orientar-se a atividade geral para um grande movimento de fraternidade e de união de todos os povos do planeta.

Os pensadores que hoje sonham a criação dos Estados-Unidos-do-Mundo, sem os movimentos odiosos das guerras fratricidas, podem sondar os designios do plano invisível naquela época. A Grecia havia perscrutado, na medida do possível, todos os problemas transcendentales da vida. Nas suas lutas expiatorias, transferira as suas experiencias e conhecimentos para a familia romana, então apta para as grandes tarefas do Estado. A' força de educação e de amor, poderia esta última, unificar as bandeiras do orbe criando um novo roteiro á evolução coletiva e estabelecendo as linhas paralelas do progresso fisico e moral da humanidade terrestre. Todos os esforços foram dispendidos, nesse particular, pelos emissarios do plano invisível, e a prova desse grandioso projéto de trabalho unitario é que a obra do Imperio Romano foi das mais

primorosas, em materia educativa, com vistas á organização das nacionalidades modernas. O proprio instinto democratico da Inglaterra e da França, bem como as suas elevadas obras de socialização, ainda representam frutos da missão educativa do Imperio, no seio da Humanidade.

O caminho dos romanos ficou juncado de sementes e luzes do porvir.

A realidade, contudo é que, se os mensageiros do Cristo conseguiram a realização de muitos planos generosos, no seio da comunidade de então, não podiam interferir na liberdade isolada da grande maioria dos seus membros.

Os abusos da autoridade e do poder.

Em breve, os abusos da autoridade e do poder embriagavam a cidade valorosa. Toda a séde do govêrno parecia invadida por uma avalanche de fôrças perversoras das mais baixas esferas dos planos invisiveis.

A familia romana, cujo esplendor espiritual conseguiu atravessar todas as eras, iluminando os agrupamentos da atualidade, parecia atormentada pelos mais tenazes inimigos ocultos, que, aos poucos, lhe minaram as bases mais solidas, mergulhando-a na corrupção e no exterminio de si mesma, dada a ausencia de vigilancia de suas sentinelas mais avançadas. Um nevoeiro denso obscurecia todas as consciências e a sociedade alegre e honesta, rica de sentimentos enobrecedores, foi teatro de crimes humilhantes, de tragedias lugubres e miserandos assassinatos. As classes afortunadas aproveitavam a plétora de poder, instalando-se no carro da opressão, que deixava atrás de si um rastro incendiado de revolta e de sangue. Os Gracchos, filhos da veneranda Cornelia, são quasi que os derradeiros traços de uma época caracte-

rizada pela administração energica, mas equânime, cheia de honestidade, de sabedoria e de justiça.

Os chefes de Roma.

Depois de Caio, que foi assassinado no Aventino, embora se fizesse constar tratar-se de um suicidio, instalava-se definitivamente um regime de quasi completa dissolução das grandes conquistas morais realizadas.

Sobe Mario ao poder, depois de suas vitorias contra Jugurta e contra os Germanos, que haviam, por sua vez, invadido o territorio das Gallias. Mas, os antagonismos sociais levam Sila ao poder, travando-se lutas sangui-nolentas, como vésperas escuras de sangrentas derrocadas. Em seguida, surgem Pompeu e a revolução de Catilina, muito conseguindo a prudencia de Cícero, em favor da segurança da cidade. Verifica-se, logo após, o primeiro triunvirato com a politica maneirosa de Caio Julio Cesar, que se alia a Pompeu e Crasso para as supremacias obrigações do govêrno.

As citações historicas, todavia, desviariam os objetivos do nosso esforço. Nossa intenção é mostrar que o determinismo do mundo espiritual era o do amor, da solidariedade e do bem, mas os proprios homens, na esfera relativa de suas liberdades, modificaram esse determinismo superior, no curso incessante da civilização.

Os generais romanos podiam conquistar a ferro e fogo, desviando-se dos objetivos mais sagrados dos seus deveres e obrigações, levando aos outros povos, pela fôrça das armas, os liames que somente deveriam conduzir com a sua cultura e com a sua experiencia da vida; mas seus atos deram causa aos mais amargos frutos de provação e sofrimento para a humanidade terrestre, e é por isso que em sua quasi totalidade, entraram no plano espiritual seguidos de perto pelas suas vítimas numerosas, entre as vozes desesperadas das mais acerbadas acusações.

Muitos deles, decorridos decenios infindáveis de martírios expiatorios, podiam ser vistos sem as suas armaduras elegantes, arrastando-se como vermes ao longo das margens do Tibre, ou estendendo as mãos asquerosas, como mendigos detestados do Esquilino.

O seculo de Augusto.

Terminados os triunviratos, eis que ia cumprir-se a missão do Cristo, depois de instalados os primeiros Cesares no Imperio Romano.

A aproximação e a presença consoladora do Divino Mestre, no mundo, era motivo para que todos os corações experimentassem uma vida nova, ainda que ignorassem a fonte divina daquelas vibrações confortadoras. Em vista disso, o reinado de Augusto decorreu em grande tranquilidade para Roma e para o resto das sociedades organizadas, do planeta. Realizam-se gigantescos esforços edificadores ou reconstrutivos. Belos monumentos são erigidos. O espirito artistico e filantropico de Atenas revive na pessoa de Mecenas, confidente do Imperador, cuja generosidade dispensa a mais carinhosa atenção ás inteligencias estudiosas e superiores da época, quais Horacio e Virgilio, que assinalam, junto de outras nobres expressões intellectuais do tempo, a passagem do chamado "seculo de Augusto", com as suas obras numerosas.

Transição de uma época.

Depois de Augusto, aparece á barra da historia, a personalidade disfargada e cruel de Tiberio, seu filho adotivo, que vê terminar a era de paz, de trabalho e concordia, com o regresso do Cordeiro ás regiões sublimadas da Luz.

E' nesse reinado que a Judéia leva a efeito a tra-

gedia do Gólgota, realizando sinistramente as mais remotas profecias.

Não obstante o seu compassivo e desvelado amor, o Divino Mestre é submetido aos martírios da cruz, sob a imposição do judaismo, que lhe não compreendeu o amor e a humildade. Roma colabora no doloroso acontecimento com a indiferença fria de Ponceio Pilatos, retornando aos seus festins e aos seus prazeres, como se desconhecesse as finalidades mais nobres da vida.

Seguindo a mesma estrada escura de Tiberio, Calígula inaugura um periodo longo de sombras, de massacres de incendios, de devastação e de sangue.

Provações coletivas dos judeus e dos romanos.

Os seguidores humildes do Nazareno iniciam, nas regiões da Palestina as suas predicções e ensinamentos. Raros apóstolos sabiam da missão sublimada, daquela doutrina sacrossanta, que mandava fazer o bem pelo mal e instituia o perdão aos proprios inimigos. De perto, seguem-lhes a atividade os emissarios solícitos do Senhor, preparando os caminhos da revolução ideologica do Evangelho. Esses mensageiros do Alto iniciam, igualmente e de modo indirecto, o esforço de auxilio ao Imperio nas suas dolorosas provações coletivas.

Um perfeito trabalho de selecção se verifica no ambiente espiritual das coletividades romanas. Chovem inspirações do Alto preludiando as dores de Jerusalem e as amarguras da cidade imperial. Vaticinios sinistros pesam sobre todos os espiritos rebeldes e culpados, e a verdade é que, depois do cêreo de Jerusalém, quando Tito destruiu a cidade, aniquilando-lhe o templo famoso e dispersando para sempre os israelitas, viu o orgulhoso vencedor mudar-se o curso das dores para a sociedade do Imperio, atormentada pelas tempestades de fogo e cinza que arrasaram Stabia, Herculanium e Pompéia,

destruindo milhares de vidas florescentes e desequilibrando a existencia romana para sempre.

Fim da vaidade humana.

O Imperio Romano, que poderia ter levado a efeito a fundação de um unico Estado na face do mundo, em virtude da maravilhosa unidade a que chegou e mercê do esforço e da proteção do Alto, desapareceu num mar de ruínarias, depois de suas guerras, de seus desvios, de seus circos cheios de feras e gladiadores.

Seu imenso organismo apodreceu nas chagas que lhe abriram a incuria e a impiedade dos proprios filhos e, quando não foi mais possivel o paliativo da misericordia dos espiritos abnegados e compassivos, dada a galvanização dos sentimentos gerais na mesa larga dos excessos e dos prazeres terrestres, a dor foi chamada a restabelecer o fundamento da verdade nas almas.

Da orgulhosa cidade dos imperadores não restou senão pedras sobre pedras. Sob o látigo da expiação e do sofrimento, os espiritos culpados trocaram a sua indumentaria para a evolução e para o resgate no cenario infinito da vida, e enquanto muitos deles ainda choram nos padecimentos redentores, gemem, sôbre as ruínas do Coliseu de Vespasiano, os ventos tristes e lamentosos da noite.

XIV

A EDIFICAÇÃO CRISTÃ

Os primeiros cristãos.

Atingindo um periodo de nova compreensão, a respeito dos mais graves problemas da vida, a sociedade da época sentia de perto a insuficiencia das escolas filosoficas conhecidas, no proposito de solucionar as suas grandes questões. A idéia de uma justiça mais perfeita para as classes oprimidas tornara-se um assunto obsidente para as massas anónimas e sofredoras.

Em virtude dos seus postulados sublimes de fraternidade, a lição do Cristo representava o asilo de todos os desesperados e de todos os tristes. As multidões dos aflitos pareciam ouvir a sua misericordiosa exortação: — “Vinde a mim, vós todos os que sofreis e tendes fome de justiça e eu vos aliviarei” — e da cruz chegava-lhes, ainda, o alento de uma esperança desconhecida.

A recordação dos exemplos do Mestre não se restringia ás coletividades da Judéia, que lhe ouviram directamente os ensinamentos imorredouros. Numerosos centuriões e cidadãos romanos conheceram pessoalmente os fatos culminantes das pregações do Salvador. Em toda a Asia-Menor, na Grecia, na Africa e mesmo nas Galias, como em Roma, falava-se Dele, da sua filosofia nova que abraçava todos os infelizes, cheia das claridades sacros-